

IAN  
MCEWAN

ESTRANHHA  
SEDUÇÃO

TRADUÇÃO · Ana Falcão Bastos

FICÇÃO · ROMANCE

*como habitávamos em dois mundos  
as filhas e as mães  
no reino dos filhos*

ADRIENNE RICH

*Viajar é uma brutalidade. Força-nos a confiar em estranhos e a perder de vista todo o conforto familiar do lar e dos amigos. Fica-se em constante desequilíbrio. Nada nos pertence, excepto as coisas essenciais: ar, sono, sonhos, o mar, o céu — tudo coisas que tendem para o eterno ou para o que imaginamos como tal.*

CESARE PAVESE

# 1

Todas as tardes, quando, para além das venezianas verde-escuras das janelas do hotel, a cidade inteira se tornava buliçosa, Colin e Mary eram acordados pelo ruído metódico de ferramentas de aço a picarem os batelões atracados junto ao pontão do café do hotel. De manhã, estas enormes embarcações ferrugentas, corroídas, sem carga nem meio de propulsão visíveis, desapareciam; voltavam a aparecer ao fim do dia, e o pessoal de bordo afadigava-se inexplicavelmente com escopros e macetes. Era a esta hora, no calor nublado do fim da tarde, que os clientes se começavam a sentar nas mesas de metal do pontão para comer gelados; e também as suas vozes enchiam o quarto do hotel, mergulhado na obscuridade, subindo e descendo em vagas de riso e de discordância, inundando os breves silêncios entre cada martelada penetrante.

Acordaram ao mesmo tempo, ou assim lhes pareceu, e permaneceram imóveis nas camas separadas.

Por razões que já não conseguiam definir com clareza, Colin e Mary estavam amuados. Duas moscas giravam, preguiçosas, em torno do candeeiro do tecto, no corredor uma chave girou na fechadura e ouviram-se passos a aproximar-se e a afastar-se. Por fim, Colin levantou-se, entreabriu as venezianas e foi para a casa de banho tomar um duche. Ainda mergulhada no que restava dos seus sonhos, Mary virou-se de lado quando ele passou e fixou o olhar na parede. O gotejar constante da água ali ao lado produzia um som reconfortante e ela fechou de novo os olhos.

Todos os dias, ao entardecer, na hora ritual que passavam na varanda antes de partirem em busca de um restaurante, cada um costumava escutar pacientemente os sonhos do outro, para se poder dar ao luxo de contar os seus. Os de Colin eram os que os psicanalistas recomendam, que voava, dizia ele, que os dentes se lhe partiam em pedacinhos, que aparecia nu à frente de um desconhecido sentado. Para Mary, o colchão duro, o calor a que não estava acostumada, a cidade que mal tinham explorado associavam-se para lhe desencadear no sono um turbilhão de sonhos ruidosos e contraditórios que, queixava-se ela, a deixavam entorpecida durante as horas de vigília; e as belas igrejas antigas, os retábulos, as pontes de pedra sobre os canais, deixavam-lhe uma impressão difusa na retina, como num ecrã distante. Era mais frequente sonhar com os filhos, que eles estavam em perigo, e que ela era demasiado incompetente ou atabalhoada para os ajudar. A sua própria infância confundia-se com a deles. Tinham os três a mesma idade e eles amedrontavam-na com as suas perguntas insistentes. Porque te foste embora sem nos levar?

Quando voltas? Vais esperar-nos à saída do comboio? Não, não, tentava ela dizer-lhes, são vocês que me vão esperar a mim. Contou a Colin que sonhara que os filhos se tinham metido na cama com ela, um de cada lado, e que ali haviam ficado, a noite inteira, a implicar junto ao seu corpo adormecido. Fiz, pois. Não fizeste nada. Eu bem te disse. Não disseste... até que acordou exausta, com as mãos a tapar com força os ouvidos. Ou, dizia ela, o ex-marido levava-a até um canto e começava a explicar-lhe, cheio de paciência, como em tempos havia feito, o funcionamento da sua máquina de filmar japonesa, que tão cara tinha sido, pondo-a à prova, a cada passo, relativamente à complexidade do aparelho. Muitas horas decorridas, começava a suspirar e a proferir palavras indistintas, suplicando-lhe que parasse, mas nada conseguia interromper a incessante lengalenga de explicações.

A janela da casa de banho dava para um pátio que àquela hora também se animava com sons dos quartos contíguos e das cozinhas do hotel. No momento em que Colin fechou o chuveiro, o homem do outro lado do corredor, como nas tardes anteriores, começou a cantar o seu dueto de *A Flauta Mágica*. Com uma voz que abafava o retumbar torrencial da água e as palmadinhas e o chapinhar da pele bem ensaboada, o homem cantava com o total abandono de quem sabe não ter um público, desafinando em tom de falsete nas notas mais altas, tra-la-ling para as palavras de que não se recordava, berros para as passagens da orquestra. «*Mann und Weib, und Weib und Mann*. Juntos fazem um par divinal.» Quando o chuveiro se fechou, o canto reduziu-se a um assobio.

Colin escutava de pé à frente do espelho e, sem qualquer motivo particular, começou a barbear-se pela segunda vez naquele dia. Desde a sua chegada que haviam estabelecido um ritual bem organizado de sono, precedido apenas numa ocasião por relações sexuais, e agora o interlúdio calmo, em que cada um ficava obcecado consigo próprio e durante o qual se arranjavam com todo o cuidado antes de darem uma volta pela cidade à hora de jantar. Durante o tempo que levavam a preparar-se moviam-se com lentidão e era raro falarem. Usavam águas-de-colônia e talcos caros, isentos de direitos alfandegários, e escolhiam a roupa meticulosamente, sem pedirem a opinião um ao outro, como se algures, entre os milhares de pessoas às quais em breve se iriam juntar, houvesse alguém à sua espera profundamente interessado na maneira como se apresentavam. Enquanto Mary fazia ioga no chão da casa de banho, Colin enrolava um charro de marijuana, que fumavam na varanda e que iria intensificar esse delicioso momento em que saíam do átrio do hotel para entrarem no ar leitoso do entardecer.

Enquanto andavam por fora, e não só da parte da manhã, uma empregada vinha fazer as camas, ou mudar os lençóis se achasse necessário. Por não estarem habituados à vida de hotel, sentiam-se inibidos por essa intimidade com uma estranha que raramente viam. A empregada levava os lenços de papel usados, arrumava-lhes os sapatos em fila no roupeiro, dobrava-lhes a roupa suja, que empilhava em cima de uma cadeira, e punha os trocos que deixavam por aqui e por ali em pequenos montes em cima da

mesa-de-cabeceira. Contudo, rapidamente ficaram dependentes dela e se tornaram descuidados com as coisas que lhes pertenciam. Passaram a ser incapazes de olhar um pelo outro, sem conseguirem, com aquele calor, ajeitar as almofadas, ou baixar-se para apanhar uma toalha caída. Ao mesmo tempo, tinham-se tornado mais intolerantes com a desordem. Certo dia, ao fim da manhã, ao regressarem ao quarto, deram com ele tal como o haviam deixado, simplesmente inabitável, e não tiveram alternativa senão tornar a sair e esperar que tudo estivesse arrumado.

As horas que precediam a sesta eram igualmente bem definidas, embora menos previsíveis. Estava-se em pleno Verão e a cidade pululava de visitantes. Todas as manhãs, Colin e Mary partiam com o seu dinheiro, óculos escuros e mapas e se juntavam à multidão que enxameava pelas pontes dos canais e ao longo das ruelas estreitas. Cumpriam com rigor as múltiplas tarefas turísticas impostas pela antiga cidade, visitando as suas igrejas maiores e menores, os museus e palácios, todos eles bem recheados de tesouros. Nas ruas comerciais demoraram algum tempo em frente das montras, a trocar impressões sobre os presentes que poderiam comprar. Até ali, ainda não tinham entrado em nenhuma loja. Apesar dos mapas, era frequente perderem-se e podiam passar cerca de uma hora a andar para trás e para a frente, às voltas, consultando a posição do Sol (um truque de Colin), até se aperceberem de que se estavam a aproximar de um ponto de referência familiar, vindos de uma direcção inesperada, e que continuavam perdidos. Quando a caminhada era particularmente difícil e o

calor mais opressivo que o habitual, recordavam um ao outro, sardonicamente, que estavam «em férias». Gastavam muitas horas à procura dos restaurantes «ideais», ou a tentar localizar aquele onde tinham ido dois dias antes. Era frequente os restaurantes ideais estarem cheios, ou, se já passava das 9 horas da noite, a fechar; por vezes, se passavam por um com lugares ou ainda aberto, comiam muito antes de terem fome.

Sozinhos, talvez cada um deles tivesse explorado a cidade com prazer, ao sabor dos seus caprichos, renunciando a ter um destino certo e ignorando ou desfrutando o facto de se ter perdido. Havia ali muitas coisas capazes de os maravilhar, bastando para isso estar alerta e esperar. Mas conheciam-se um ao outro tão bem como se conheciam a si mesmos, e a sua intimidade, à semelhança de malas em demasia, era uma preocupação constante; juntos, caminhavam devagar, de uma maneira inábil, tomando lúgubres compromissos, atentos a delicadas variações de humor, desfazendo mal-entendidos. Individualmente não eram susceptíveis, mas juntos conseguiam ofender-se um ao outro de formas surpreendentes e inesperadas; depois, o ofensor — isto tinha acontecido duas vezes desde a sua chegada — ficava irritado com a susceptibilidade excessiva do outro, e ambos continuavam a explorar becos tortuosos e praças inesperadas, imersas em silêncio. E a cada passo a cidade ia recuando, ao mesmo tempo que eles ficavam mais profundamente fechados na presença um do outro.

Terminado o ioga, Mary levantou-se e, depois de pensar com todo o cuidado na roupa interior a es-